



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

JÉSSICA RODRIGUES DIAS

**DIFICULDADES DE LINGUAGEM NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL**

**SÃO PAULO
2018**

JÉSSICA RODRIGUES DIAS

**DIFICULDADES DE LINGUAGEM NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia, sob a orientação do Professora Dra Maria Cecília de Moura.

São Paulo
2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial ou total desta monografia, através de fotocópias ou meios eletrônicos.

Jéssica Rodrigues Dias
São Paulo, novembro de 2018.

JÉSSICA RODRIGUES DIAS

**DIFICULDADES DE LINGUAGEM NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL**

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Maria Cecília de Moura

Profª Dra. Maria Lucia Hage Masini

Aprovada em: __/__/__

“Dedico esse trabalho à minha mãe Dagmar, por todo amor e compreensão. Essa mulher guerreira sempre é a maior fonte de inspiração da minha vida”.

Agradecimentos

A Deus por sempre estar ao meu lado, e permitir que tudo isso acontecesse.

Ao meus pais Dagmar e João, por serem meu alicerce em todos os momentos e por me apoiarem em todas as minhas decisões.

A minha família, que de alguma forma me impulsionou a concluir essa faculdade.

A Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Moura, pela paciência na orientação e incentivo para traçar todo esse percurso.

A minha parecerista, Prof^a Dr^a Maria Lucia Hage Masini, pela sensibilidade e por toda orientação e preocupação por esse trabalho.

As minhas amigas Bianca Martins, Mariane Maião e Rafaela Valiengo, pela parceria, e por sempre estarem ao meu lado me provocando a ser a melhor pessoa.

As minhas amigas Juliana Araujo, Junia Rusig, Marina Marques, Marcela Silva, Mariana Passos, e Luana Martins, pelas risadas e abraços nos momentos bons e ruins.

A FUNDASP, pela bolsa concedida.

Resumo

Introdução: É importante um ambiente rico e acolhedor para que o desenvolvimento da criança possa ser alcançado de forma ideal. Muitas vezes a creche não está preparada para trabalhar com as questões da linguagem de seus alunos. **Objetivo:** Avaliar como professores do ensino infantil percebem as dificuldades de linguagem. **Método:** pesquisa qualitativa realizada por meio de um questionário online. Bardin foi a base da análise. **Resultado:** Participaram 35 sujeitos sendo a maioria professores com tempo de atuação de 1 a 30 anos da rede pública e privada. A maioria das escolas é de ensino regular e tem inclusão de alunos com necessidades especiais. A maioria atua com alunos com necessidades especiais sendo que as necessidades especiais citadas foram: autismo, deficiência intelectual, síndrome de Down surdez, cegueira ou baixa visão, deficiência física, TOC e Hiperatividade. A maioria dos profissionais percebem as dificuldades dos alunos. Em sua formação, 60% aprenderam a lidar com as dificuldades dos alunos, e 40% não. Quando percebem as dificuldades dos alunos a maioria encaminha e orienta a família sobre as dificuldades. 94,3% acham que o fonoaudiólogo pode ajudar, e 5,7% não, mas só 8,6% tem fonoaudiólogo na escola. **Conclusão:** Concluiu-se que os professores sentem uma defasagem na formação inicial, onde eles não são preparados para enfrentar as dificuldades em sala de aula. Apesar dos problemas na formação, esses professores percebem a dificuldade dos seus alunos e buscam recursos para o seu trabalho. Seria importante uma parceria da escola com um fonoaudiólogo para trabalhar para auxiliar os professores nas questões relacionadas às áreas cobertas pela Fonoaudiologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
OBJETIVO.....	11
MÉTODO.....	11
RESULTADOS	13
DISCUSSÃO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXO 1	29
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	29
ANEXO 2	31
QUESTIONÁRIO	31

DIFICULDADES DE LINGUAGEM NA ESCOLA: Percepção de professores do ensino infantil

INTRODUÇÃO

As crianças frequentam a creche cada vez mais cedo. Isto se dá por vários motivos, mas pode-se destacar a questão da necessidade de a mulher ter que trabalhar para ajudar no sustento da casa ou porque é responsável pela manutenção da família entre outros fatores. Segundo Bruschini (2007) a inserção da mulher no mercado de trabalho está relacionada a transformações econômicas, sociais e culturais. Com essa necessidade das mães em participarem do mercado de trabalho, o tempo em que se dedicavam ao trabalho do lar e a cuidarem de seus filhos é reduzido e a creche torna-se a uma das escolhas para acolher esse filho e ajudar no seu desenvolvimento (PACHECO E DUPRET, 2004).

Sabe-se da importância de um ambiente rico e acolhedor para que o desenvolvimento da criança possa ser alcançado de forma ideal. Isto se refere também ao desenvolvimento de linguagem.

Muitas vezes a creche não está preparada para trabalhar com essa criança, pois muitos educadores têm dificuldade em trabalhar com o desenvolvimento global da criança e em particular com o desenvolvimento da linguagem oral por falta de formação. Para que se possa seguir o desenvolvimento da criança é de fundamental importância perceber as diferentes formas de expressão de crianças pequenas (MORGADO, 2013). Esta falta de preparo por parte dos educadores para lidar com o desenvolvimento infantil, nos leva a perceber que são necessárias medidas para a capacitação de todos os profissionais que lidam com essas crianças (SILVA ET AL, 2014).

Segundo Palladino (2010), existem várias linhas de aquisição e desenvolvimento da linguagem. A tradição Empirista diz que, a aquisição de linguagem é um processo por imitação, onde a linguagem tem a função de

representar um conhecimento já dado. A tradição Racionalista diz que, a aquisição de linguagem vem de uma atualização de um saber prévio que é determinado geneticamente. A tradição Dialética diz que, o uso da linguagem precede o saber, e é necessária a mediação da relação das crianças com o mundo externo.

Segundo Santos e Farago (2015) quando a criança nasce, ela tem uma inteligência que vai orientando suas ações no mundo. Com a interação com o outro, essa inteligência vai se modificando, pois esse outro vai dar significados a suas ações, e a criança desenvolve a inteligência verbal. As vivências e experiências da criança dão a ela um olhar diferente do cotidiano. Quando se pensa na criança dentro da escola, na Educação Infantil, há a interação com o adulto em que ela já consegue diferenciar papéis com o outro. Desta forma, ela vai construindo significados e adquirindo experiências, criando símbolos que a dirigem na sua construção de linguagem.

O tratamento das alterações de linguagem de competência não só do fonoaudiólogo, mas este recebe em sua formação os instrumentos necessários para detectar e tratar estas alterações.

O papel do fonoaudiólogo é amplo e pode ser melhor dimensionado no texto de de Schirmer (2004) que diz que este papel engloba:

“.... princípios básicos da intervenção na criança a avaliação do desenvolvimento da linguagem em todos os seus níveis, a orientação à família e escola e a terapia. Esta pode ser dividida em terapia da fala (onde serão abordados objetivos como desvios fonéticos e fonológicos), terapia de voz (disfonias), terapia de motricidade oral (distúrbios de alimentação, respiração e mobilidade de órgãos fonoarticulatórios), terapia de linguagem oral (onde o enfoque pode estar centrado na expressão e/ou recepção de linguagem) e terapia de linguagem escrita (dislexias, disortografias e disgrafias). Todas as atividades de estimulação dentro da terapia fonoaudiológica infantil devem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer nas técnicas

propostas. Também é recomendável envolver a família e, quando necessário, a escola.” (p. S98)

Compreendendo-se o papel do fonoaudiólogo nas questões relacionadas à linguagem, voz, motricidade oro facial e no papel dos professores que atuam com crianças pequenas em creches e na educação infantil assim como na importância da detecção de alterações de desenvolvimento de linguagem nesta população percebeu-se que uma pesquisa relacionada à percepção dos professores sobre estas dificuldades poderia ser importante para que se pudesse delimitar e organizar um programa de orientação para estes profissionais.

OBJETIVO

Avaliar como professores do ensino infantil percebem as dificuldades de linguagem na escola

MÉTODO

Projeto submetido ao Comitê de ética e aprovado sob número 84041618.3.0000.5482. Foi realizada uma entrevista tendo como base um questionário que foi disponibilizado na internet.

Este questionário (anexo 2) foi elaborado levando-se em consideração aspectos relacionados ao desenvolvimento de linguagem de crianças de 0 a 3 anos.

A coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário com questões fechadas e abertas que foram realizadas a partir de um link de survey que foi criado especificamente para isto. Houve garantia de sigilo. O termo de consentimento (anexo 1) foi postado online e os participantes, ao invés de assinar, clicaram num botão em que afirmarão que estão de acordo com a sua

participação da pesquisa. 35 participantes responderam ao questionário. Estas respostas foram analisadas.

Os dados dos sujeitos são apresentados numericamente para se possa ter uma visão da população que respondeu ao questionário.

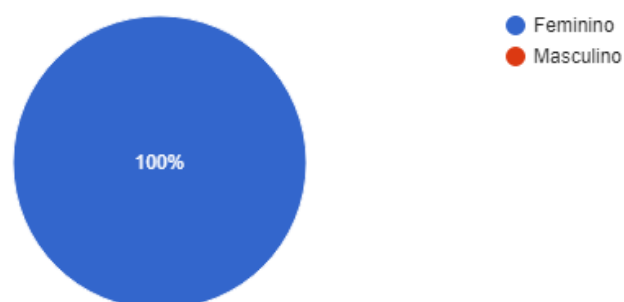
A análise das respostas foi realizada qualitativamente. Os dados obtidos pela entrevista foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977), em que a organização da análise é feita em torno de cinco polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Segundo este autor a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Neste tipo de abordagem a descrição é a primeira etapa necessária seguida pela inferência que leva à interpretação dos dados. Vai se buscar a presença ou a ausência de temas específicos buscando estabelecer os significados presentes nos discursos dos entrevistados. Serão realizados os seguintes movimentos: a pré-análise com a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

RESULTADOS

Participaram do estudo trinta e cinco sujeitos, todos de gênero feminino.

Gênero?

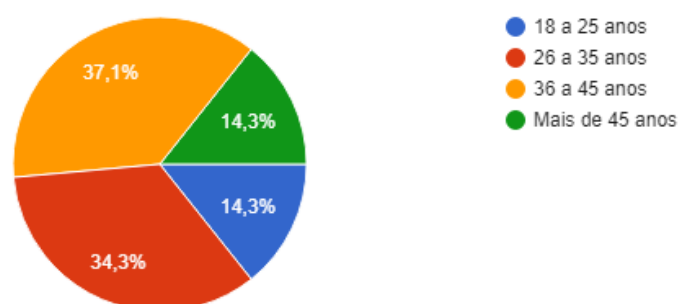
35 respostas



A faixa etária foi de, 5 sujeitos com idade entre 18 a 25 anos, 12 sujeitos com idade entre 26 a 35 anos, 13 sujeitos com idade entre 36 e 45 anos, e 5 sujeitos com idade a partir de 45 anos.

Idade?

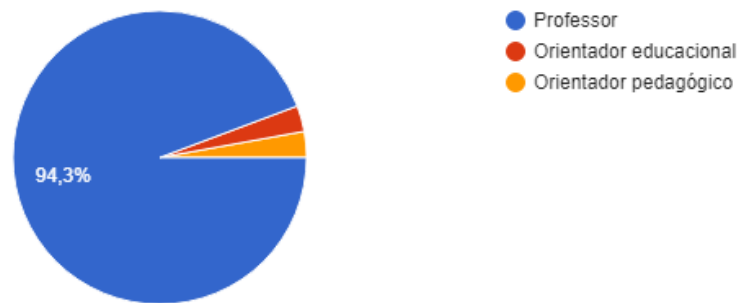
35 respostas



A profissão dos participantes era em grande maioria professores, mas participaram também orientadores pedagógicos e educacionais.

Profissão?

35 respostas



O tempo de atuação na educação, de um ano a nove anos 14 participantes, de dez anos a dezenove anos 14 participantes, de vinte anos a vinte e nove anos 6 participantes, e com mais de trinta anos 1 participantes.

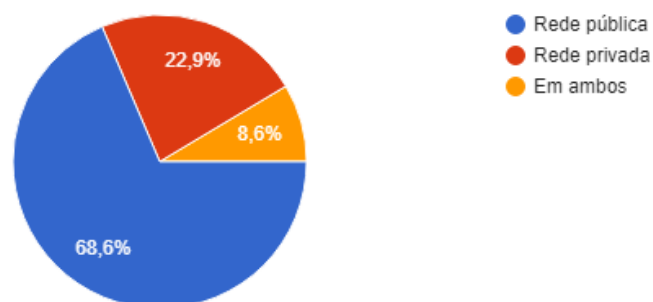
Quanto tempo atua na educação?



Atuam em rede pública 24 sujeitos, em rede privada 8 sujeitos, e em ambos 3 sujeitos.

Atua em rede pública ou rede privada?

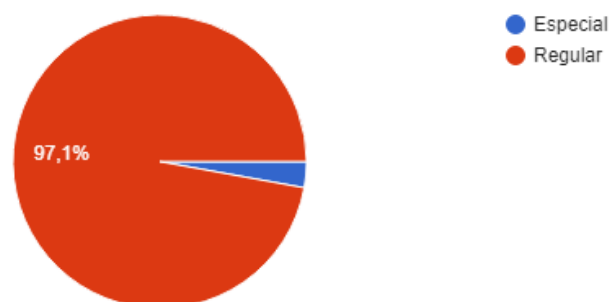
35 respostas



Das escolas, 34 trabalham em escolas regulares, e 1 em escolas em especiais.

Sua escola é especial ou regular?

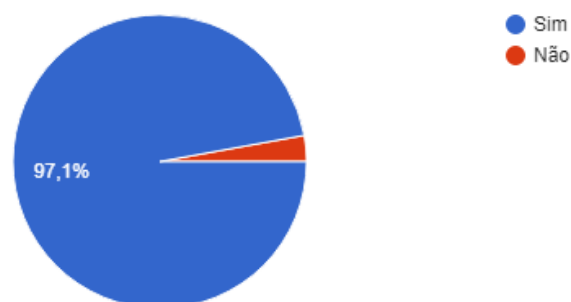
35 respostas



As escolas regulares, 34 delas tem inclusão de alunos com necessidades especiais, e 1 não tem inclusão.

Se regular, tem inclusão de alunos com necessidades especiais?

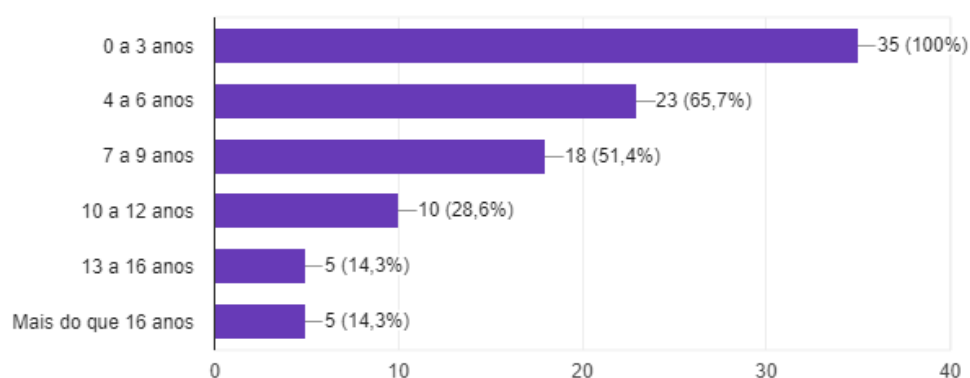
35 respostas



A faixa etária dos alunos com quem os participantes trabalham são: 35 participantes trabalham com alunos de 0 a 3 anos. Destes 35 participantes: 23 trabalham com alunos de 4 a 6 anos, 18 trabalham com alunos de 7 a 9 anos, 10 trabalham com alunos de 10 a 12 anos, 5 trabalham com alunos de 13 a 16 anos, e 5 trabalham com alunos com idade a partir de 16 anos.

Qual a faixa etária dos alunos com quem trabalha ou já trabalhou?

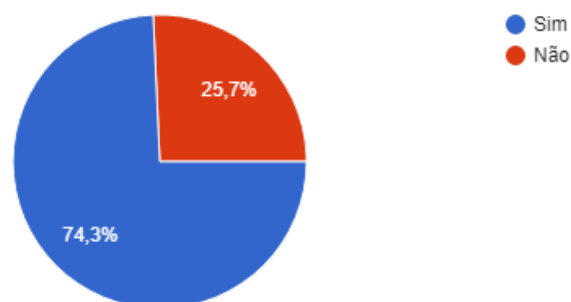
35 respostas



Desses participantes, 26 atuam com crianças com necessidades especiais, e 9 não atuam.

Atua com crianças com necessidades especiais?

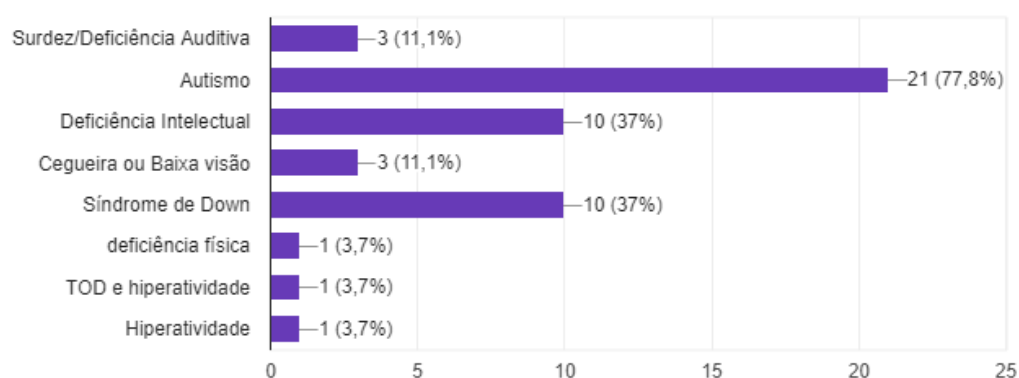
35 respostas



Das necessidades especiais foram citadas, surdez/deficiência auditiva, autismo, deficiência intelectual, cegueira/baixa visão, síndrome de down, locomoção, hiperatividade, paralisia cerebral, deficiência física.

Se sim, qual?

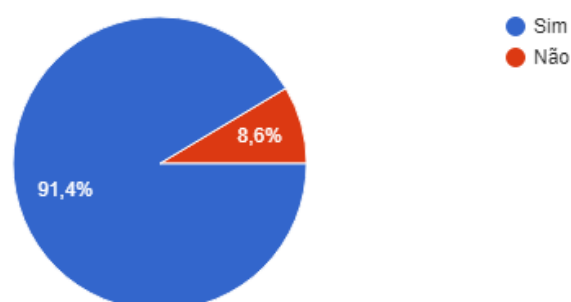
27 respostas



Quando questionados se percebem as dificuldades dos alunos, 32 dizem que sim, e 3 dizem que não.

Percebe dificuldade nos alunos?

35 respostas

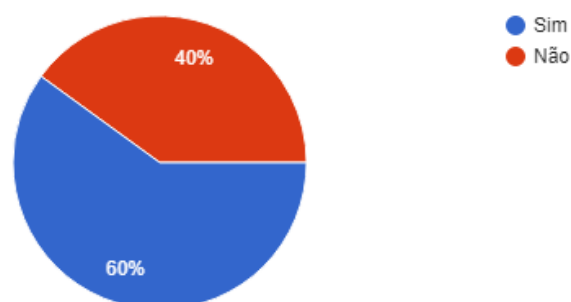


Percebem dificuldades de aprendizado, dificuldade na leitura oral, leitura e escrita, socialização, e na fala. Foram questionados sobre como se sentiam diante dessas dificuldades, responderam, apoiadas pela coordenação da escola, apoiadas pela fonoaudióloga da escola, apoiadas pelas leituras, e impotentes.

Na formação, 21 responderam que aprenderam a lidar com as dificuldades dos alunos, e 14 responderam que não aprenderam.

Na sua formação, aprendeu a lidar com as dificuldades dos alunos?

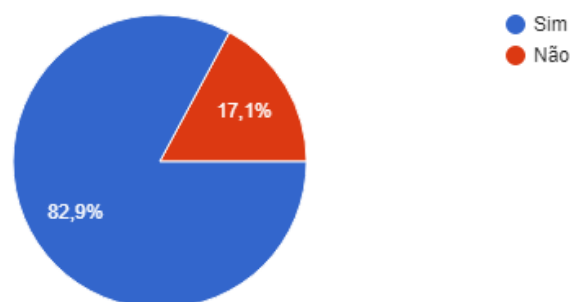
35 respostas



Sobre o encaminhamento quando é percebido que o aluno tem dificuldade, 29 encaminha e 6 não encaminham.

Quando percebe alguma dificuldade, encaminha o aluno?

35 respostas



Os profissionais declaram que encaminham para: fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, coordenadores, professores particulares, pediatras, e para a rede de saúde.

Na questão aberta “Por que você realiza este encaminhamento para o profissional indicado acima?” pode-se observar que os pontos principais e mais recorrentes nos discursos foram:

- (A) A importância da parceria entre o professor e um outro especialista, pois apesar de identificar um possível problema, precisam de uma assessoria de um especialista para ajudá-lo. Um dos professores afirma:

“Por possuir uma prática e conhecimento especializado. Como professor apenas identificamos que há alguma dificuldade ou deficiência, mas não sabemos como tratar adequada, por mais que façamos atividades diferenciadas a esses alunos eles precisam de atendimento especializado, mas nem sempre que encaminhados é garantindo que os pais irão leva-los”.

- (B) A importância do diagnóstico para direcionar as condutas de tratamento para esse aluno, além de direcionar também no ensino em sala de aula. Sendo assim uma parceria professor/especialista.

” Para juntos temos um diagnóstico preciso para poder trabalhar da melhor maneira possível com esse aluno”

(C) Para auxiliar esse aluno na aprendizagem e na socialização

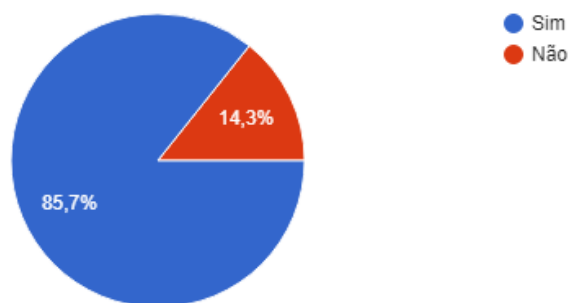
“Para q o aluno tenha mais chances de aprender e, portanto, incluir-se socialmente e para q os pais possam receber mais informação sobre as dificuldades (e os pontos fortes também) do seu filho”

(D) O encaminhamento é um procedimento da rede.

Na questão “As famílias são orientadas com relação a dificuldade dos alunos?”, 30 responderam que sim, e 5 responderam que não.

As famílias são orientadas com relação a dificuldade dos alunos?

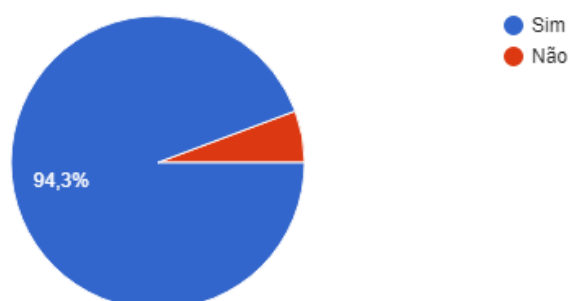
35 respostas



Questionados sobre se o fonoaudiólogo poderia ajudá-los, 33 responderam que sim e 2 responderam que não.

Acha que um fonoaudiólogo poderia te ajudar?”

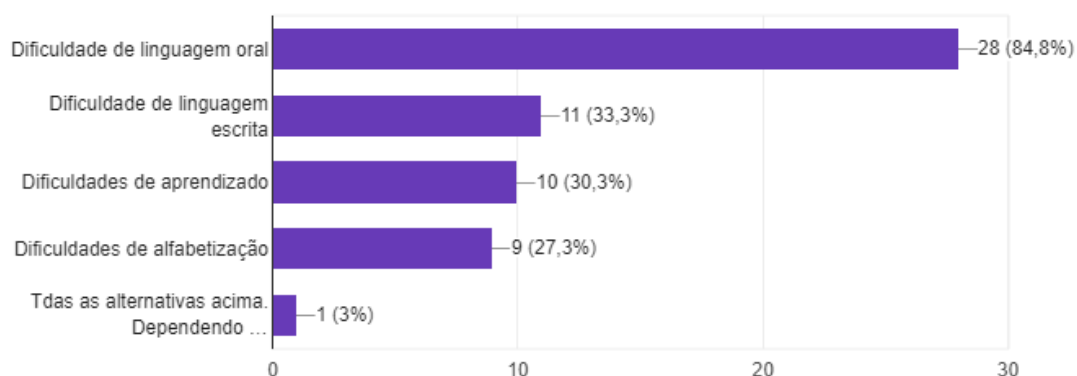
35 respostas



Sobre como o fonoaudiólogo poderia ajudá-los, responderam, na dificuldade de linguagem oral, dificuldade de linguagem escrita, dificuldades de aprendizado, dificuldades de alfabetização, dificuldade auditiva.

Se sim, onde o fonoaudiólogo poderia te ajudar?

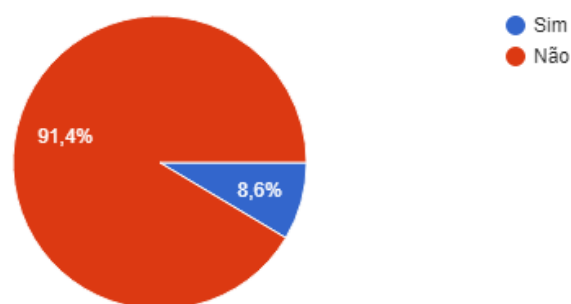
33 respostas



Na questão “tem fonoaudiólogo na sua escola?” 32 responderam que não, e 3 responderam que sim.

Tem fonoaudiólogo na sua escola?

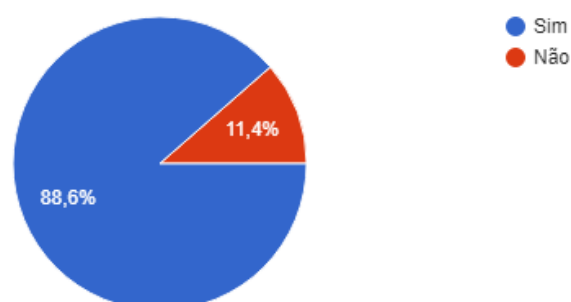
35 respostas



Foram questionados se sentiam falta de uma parceria da escola com um fonoaudiólogo e, 31 participantes disseram que sim, e 4 disseram que não.

Sente falta de uma parceria da escola com um fonoaudiólogo?

35 respostas



No item “Deseja acrescentar algo a mais com relação ao tema desta pesquisa?”, a resposta não era obrigatória, desta forma apenas 11 participantes fizeram algum comentário. Os pontos principais apontados foram:

(A) A necessidade de uma parceria da escola e profissionais especializados.

“Acredito que dentro das escolas é necessários vários profissionais que infelizmente não temos, não apenas o fonoaudiólogo, mas, também psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros entre outros que facilitaria muito o nosso trabalho. ”

(B) A falta de retorno quando há encaminhamento de algum aluno.

“Em Santa Maria RS já encaminhei inúmeras vezes alunos para fonoaudiólogo, mas muitos não foram atendidos pela morosidade dos encaminhamentos. Em 2016 encaminhei uma menina que era minha aluna no Berçário que não falava nada, apenas se comunicava pelas mesmas sílabas sempre. Estimulávamos sempre em aula, mas percebi que diferente dos seus colegas que foram desenvolvendo a fala na interação com colegas e professores, ela não. Conversamos com a família e encaminhamos ao profissional, mas a família não deu continuidade aos atendimentos.”

- (C) Como os professores se sentem incomodados com a dificuldades dos alunos, e buscam recursos para conseguirem lidar com essas dificuldades, mas que muitas vezes não são apoiados.

“Gosto de participar dessas pesquisas relacionadas a dificuldades de aprendizagem, acredito que isso possa ajudar, não só a mim, bem como outros professores na sala de aula. Não há nada mais angustiante para o professor, do que ver alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem chegarem no fundamental II sem saber ler e escrever. Agente se desdobra, pesquisa, faz cursos, compra livros, conversa com outros colegas, etc. E ainda somos marginalizadas e cruelmente massacradas pelo governo e familiares.”

DISCUSSÃO

A grande maioria dos entrevistados tinham idade a partir de 25 anos, e somente 05 entrevistados tinha idade entre 18 e 25 anos. Um estudo com jovens realizado em várias regiões do Brasil, mostra que apesar da baixa remuneração, a desvalorização social, o desrespeito dos alunos, e as condições de trabalho na educação, mesmo sendo minoria, os jovens querem seguir essa profissão, e tem certeza de sua escolha (TARTUCE, NUNES E ALMEIDA, 2010). Já em 2018, o Instituto Todos pela Educação, fez uma pesquisa com professores, onde foi levantado que 49% não recomendam a profissão, 33% estão totalmente insatisfeitos com a carreira, 71% avaliam a formação inicial como insuficiente, e 29% fazem trabalhos extra para complementar a renda. Este é um panorama preocupante com relação à educação em nosso país!

Os entrevistados são mulheres, o que comprova o que é visto historicamente no Brasil. As pesquisas mostram que quando as mulheres puderam ingressar no ensino superior e no mercado de trabalho, elas escolheram carreiras ligadas ao cuidado, como educação e enfermagem, fazendo com que houvesse a feminização nessas áreas (PRÁ E CEGATTI, 2016) o que se mantém até os dias de hoje como uma herança cultuada sócio historicamente.

Os profissionais da Rede Pública foram a maioria no estudo, deixando um questionamento sobre o porquê os profissionais da Rede Privada são mais inacessíveis em relação à pesquisa.

No estudo, as escolas em sua maioria tinham alunos com necessidades especiais incluídos, o que é de direito desses alunos sendo que, consequentemente, os participantes em sua maioria atuam com estes alunos. Silva (2011) aponta a necessidade da formação de professores que atuam com estes indivíduos, para que eles possam enfrentar as dificuldades e atuar no trabalho específico que se apresenta no cotidiano em sala de aula com estes os alunos. Na pesquisa os professores mostraram que percebem as dificuldades dos alunos em sala de aula, mas em sua formação, muitos não aprendem a lidar com estas dificuldades. Isto faz com que, diante disso, o professor se sinta

impotente, buscando em suas leituras uma direção para a realização de seu trabalho.

Quando questionados sobre as necessidades especiais de seus alunos, entre as citações, estavam autismo, deficiência intelectual, e hiperatividade; levando a questionar se esses casos têm diagnóstico fechado. A questão que se coloca é a de que seria possível fechar um diagnóstico com crianças até os três anos de idade?

Com relação ao encaminhamento, Barbosa (2009) relata, em seu estudo, sobre os encaminhamentos desnecessários, quando o professor não tem formação para identificar o verdadeiro problema e acaba encaminhando um aluno que não necessita ou que poderia ter tido uma intervenção em sala de aula. Outro desafio do encaminhamento é a grande demanda nos serviços de saúde, que reflete no tempo de espera para iniciar uma triagem no serviço de saúde público e posteriormente o atendimento.

É importante o estabelecimento de uma relação entre a família e a escola, em sua maioria, os profissionais que participaram do estudo, dizem que orientam as famílias sobre as dificuldades dos alunos. Mateus (2016) afirma que a relação entre a família e a escola não envolve apenas conteúdos escolares, mas também discussão sobre relações culturais, sociais e ideológicas.

Os participantes acham importante a parceria da fonoaudiologia na escola, mas afirmam que ela não ocorre. Partindo do princípio que a fonoaudiologia faz parte da equipe NASF (Núcleo Ampliado de Saúde em Família) inserida nas Unidades de Saúde com Estratégia Saúde da Família e essas Unidades terem o PSF (Programa Saúde na Escola), onde em parceria com a escola, tem o objetivo de contribuir com a formação de estudantes através de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde Apesar de ter esse programa, será que não falta comunicação entre saúde e educação? Não seria importante essa parceria da equipe de saúde com os professores, não para levantar demandas, mas para dialogar e esclarecer dúvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordado a percepção de professores sobre a dificuldades de linguagem na Educação Infantil, e como eles se sentiam diante disto e concluiu-se que os professores sentem uma defasagem na formação inicial, onde eles não são preparados adequadamente para o enfrentamento das dificuldades em sala de aula, ficando assim, muitas vezes impotentes. Apesar dos problemas na formação, esses professores percebem a dificuldade dos seus alunos e buscam recursos para o seu trabalho. Seria importante uma parceria da escola com um fonoaudiólogo para trabalhar com os professores, orientando e esclarecendo os profissionais.

Foi cumprido o objetivo enunciado, apesar do número de participantes que tiveram que passar por um critério de exclusão, considerando-se apenas aqueles que ministram aula para crianças até três anos.

Este trabalho foi muito importante para ampliar o conhecimento sobre o assunto, pois permitiu compreender melhor o olhar do educador de Ensino Infantil diante das dificuldades dos seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA A.E.V.F. **Trajetória de alunos da rede regular encaminhados para o serviço de saúde**. Campinas, SP: [s.n], 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRUSCHINI, M.C. A. Trabalho e gênero no brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORGADO, M.L.S. **EDUCAÇÃO INFANTIL: O desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o trabalho do professor**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, 2013.

PACHECO, A.L.P.B; DUPRET,L. Creche: Desenvolvimento ou Sobrevivência?, **Psicologia USP**, 15(3), 103-116. 2004.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. **Fonoaudiologia e Desenvolvimento da Linguagem** : Diálogo Interdisciplinar. In: Fernandes, Fernanda Dreux M., Mendes, Beatriz Castro A. , Na (Org.). Tratado de Fonoaudiologia. 2. ed. Sp: Roca, 2010. Cap. 2. p. 9-16.

PRÁ J.R., CEGATTI A.C. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016.

SANTOS, M,G,S; FARAGO, A,C. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

SÃO PAULO. INSTITUTO TODOS PELA EDUCAÇÃO. . A: **Profissão Docente**. 2018. Disponível em:

<https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/23.pdf?750034822>.

Acesso em: 11 novembro 2018.

SCHIRMER, C, R; FONTOURA, D, R; NUNES, M, L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**. v.80, nº2(supl),2004.

SILVA M.O.E., **Educação Inclusiva – um novo paradigma de Escola**. Revista Lusófona de Educação, 19, 2011.

SILVA, LK, Labanca, L, da Cunha Melo, EM, Costa-Guarisco, LP. Identificação dos distúrbios da linguagem na escola. **Revista CEFAC**. 2014;16(6):1972-1979.

TARTUCE G.L.B.P., NUNES M.M.R., ALMEIDA P.C.A. **Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 445-477, maio/ago. 2010.

ANEXO 1

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Senhor(a)

Eu, Jéssica Rodrigues Dias , aluna do Curso de Fonoaudiologia da PUCSP, portador do CIC , RG , estabelecida na CEP , na cidade de São Paulo, cujo telefone de contato é (11) , vou desenvolver uma pesquisa cujo título é: “Dificuldades de linguagem na escola – percepção dos professores” com a supervisão da Profa. Dra. Maria Cecília de Moura, portadora do CPF , RG , estabelecida na , CEP: , cujo telefone de contato é: (11)

4.

O objetivo deste estudo é avaliar como as escolas lidam com as dificuldades de linguagem de seus alunos na educação infantil.

Necessito que o Sr.(a). forneça informações à respeito de sua atuação de sua atuação quando percebe que há um aluno com alguma dificuldade de linguagem oral e escrita, motricidade oro facial e audição dos alunos na educação infantil, será aplicado um questionário por meio de survey.

1. Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará apenas de algumas perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e que não determinará qualquer risco ou desconforto.
2. Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento em como perceber a dificuldade de linguagem oral e escrita, motricidade oro facial e audição dos alunos, então, somente no final do estudo, poderemos concluir a presença de algum benefício.
3. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

4. Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a aluna Jéssica Rodrigues Dias ou com a Profa. Dra Maria Cecilia de Moura. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
5. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros entrevistados, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.
6. O Sr(a). tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.
7. Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.
8. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.
9. Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

1. Concorda com o termo descrito a cima? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

2. Idade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 18 a 25 anos
☐ 26 a 35 anos
☐ 36 a 45 anos
☐ Mais de 45 anos

3. Gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
☐ Masculino

4. Profissão? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Professor
☐ Orientador educacional
☐ Orientador pedagógico
☐ Outro: _____

5. Quanto tempo atua na educação? *

6. Atua em rede pública ou rede privada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Rede pública
☐ Rede privada
☐ Em ambos

7. Sua escola é especial ou regular? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Especial
☐ Regular

8. Se regular, tem inclusão de alunos com necessidades especiais? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

9. Qual a faixa etária dos alunos com quem trabalha ou já trabalhou? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ 0 a 3 anos
- ☐ 4 a 6 anos
- ☐ 7 a 9 anos
- ☐ 10 a 12 anos
- ☐ 13 a 16 anos
- ☐ Mais do que 16 anos

10. Atua com crianças com necessidades especiais? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Se sim, qual?*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Surdez/Deficiência Auditiva
- ☐ Autismo
- ☐ Deficiência Intelectual
- ☐ Cegueira ou Baixa visão
- ☐ Síndrome de Down
- ☐ Outro: _____

12. Percebe dificuldade nos alunos? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. Se sim, quais dificuldades percebe nos alunos?*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Dificuldade de aprendizado
- ☐ Dificuldade na leitura oral
- ☐ Dificuldade na leitura e escrita
- ☐ Outro: _____

14. Como você se sente diante das dificuldades dos alunos: **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Apoiada pela coordenadora da escola
- ☐ Apoiada pela fonoaudióloga da escola
- ☐ Apoiada pelas minhas leituras
- ☐ Impotente
- ☐ Outro: _____

15. Na sua formação, aprendeu a lidar com as dificuldades dos alunos? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

16. Se sim, onde ocorreu essa aprendizagem?*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Graduação
☐ Pós graduação
☐ Consultoria
☐ Outro: _____

17. Quando percebe alguma dificuldade, encaminha o aluno? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

18. Se encaminha, encaminha para quem?*Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Professor particular
☐ Fonoaudiólogo
☐ Psicólogo
☐ Psicopedagogo
☐ Outro: _____

19. Por que você realiza este encaminhamento para o profissional indicado acima?

20. As famílias são orientadas com relação a dificuldade dos alunos? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

21. Acha que um fonoaudiólogo poderia te ajudar?" **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

22. Se sim, onde o fonoaudiólogo poderia te ajudar?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Dificuldade de linguagem oral
☐ Dificuldade de linguagem escrita
☐ Dificuldades de aprendizado
☐ Dificuldades de alfabetização
☐ Outro: _____

23. Tem fonoaudiólogo na sua escola? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

24. Sente falta de uma parceria da escola com um fonoaudiólogo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

25. Deseja acrescentar algo a mais com relação ao tema desta pesquisa?

Você poderia indicar um colega para responder a pesquisa? Se sim, nome e e-mail.

26. _____

Obrigada pela sua participação!